

PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 22, v. 1
jul.-ago.2025
p. 230-266

Pornografia e o fruto proibido: os regimes de verdade enunciados em artigos científicos

(Pornography and the forbidden fruit: the truth regimes in scientific articles)

(La pornografía y el fruto prohibido: los regímenes de verdad producidos por los artículos científicos)

Yasmin Xavier dos Reis¹
Juliana Peruchi²

RESUMO: Diante do papel dicotômico ocupado pela pornografia no imaginário popular, que transita entre a imoralidade e a liberdade sexual, se fez necessário investigar como os artigos científicos atuais utilizam estes regimes de verdade na perpetuação de estigmas da pornografia, bem como investigar a sua relação com cisheteronormatividade. A comunidade LGBTQIA+, alvo das investigações empreendidas pelos 8 artigos analisados, é constantemente situada em uma posição de imoralidade, o que contribui para a sua abjeção no campo científico. É sobre emaranhado de discursos biopolíticos que pretendeu se debruçar este artigo, a partir das orientações da análise do discurso de Michel Foucault. Concluiu-se que a pornografia é constantemente associada à imoralidade, adoecimento e criminalidade. São inúmeras as tentativas de relacionar o consumo de pornografia com a comunidade LGBTQIA+ através de termos pejorativos, argumentos cisheterocentros, estigmas enraizados e discussões que carecem de profundidade teórica e social, o que contribui para a perpetuação do ciclo de exclusão dos corpos e prazeres abjetos.

PALAVRAS-CHAVE: pornografia; cisheteronormatividade; LGBT; análise do discurso.

Abstract: Faced with the dichotomous role played by pornography in the popular imagination, which transits between immorality and sexual freedom, it was necessary to investigate how current scientific articles use these regimes of truth in the perpetuation of pornography stigmas, as well as to investigate their relationship with cisheteronormativity. The LGBTQIA+ community, the target of the investigations carried out by the 8 articles analyzed, is constantly placed in a position of immorality, which contributes to its abjection in the scientific field. This article intends to focus on the tangle of biopolitical discourses, based on the guidelines of Michel Foucault's discourse analysis. It was concluded that pornography is constantly associated with immorality, illness and criminality. There are numerous attempts to relate pornography consumption with the LGBTQIA+ community through pejorative terms, cisheterocentric arguments, rooted stigmas and discussions that lack theoretical and social depth, which contributes to the perpetuation of the cycle of exclusion of bodies and abject pleasures.

Keywords: pornography; cisheteronormativity; LGBT; discourse analysis.

Resumen: Ante el papel dicotómico que juega la pornografía en el imaginario popular, que transita entre la inmoralidad y la libertad sexual, fue necesario indagar cómo los artículos científicos actuales utilizan estos regímenes de verdad en la perpetuación de los estigmas pornográficos, así como indagar en su relación con cisheteronormatividad. La comunidad LGBTQIA+, objeto de las investigaciones realizadas por los 8 artículos analizados, es constantemente colocada en una posición de inmoralidad, lo que contribuye a su abyección en el campo científico. Este artículo pretende centrarse en la maraña de discursos biopolíticos, a partir de las directrices del análisis del discurso de Michel Foucault. Se concluyó que la pornografía está constantemente asociada con la inmoralidad, la enfermedad y la criminalidad. Son numerosos los intentos de relacionar el consumo de pornografía con la comunidad LGBTQIA+ a través de términos peyorativos, argumentos cisheterocéntricos, estigmas arraigados y discusiones carentes de profundidad teórica y social, lo que contribuye a perpetuar el ciclo de exclusión de los cuerpos y los placeres abyectos.

Palabras clave: pornografía; cisheteronormatividad; LGBT; análisis del discurso.

1 Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Brasil; Universidade Federal de Juiz de Fora; e-mail yasmin.x.reis@gmail.com

2 Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil; Universidade Federal de Juiz de Fora; e-mail juliana.perucchi@ufjf.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 15/06/2024

Aceito em 06/12/2024

“Cuando socialmente no percibes la violencia es porque la ejerces”
(Preciado, P. B.)

1 Introdução

No século XIX, o discurso sobre o sexo foi um constante em nossa sociedade, se estabelecendo por meio dele um mecanismo de exercício de poder sobre as pessoas (Foucault, 1997). Se na sociedade pré-capitalista o sexo foi assunto proibido e limitado às confissões religiosas, com a ascensão da burguesia o sexo se torna um discurso constante que permeia todos os espaços, incluindo a religião, a educação e a política. Entretanto, independente do período, o sexo e a sexualidade são sempre alvo de regulação (Foucault, 1997). Como mecanismo de poder, a sexualidade “penetra e controla o prazer cotidiano” (Foucault, 1997, p.16), ou seja, todos os discursos são construídos de forma a estabelecer o que é considerado normal, e o que é patológico no uso dos prazeres. Assim, estabelece-se todo um aparato discursivo para controle dos corpos (Foucault, 2008).

Nesse sentido, cisheteronormatividade é o termo utilizado para nomear este dispositivo que perpassa todos os poderes e saberes da sociedade contemporânea. Fundamentado a partir de argumentos biológicos e religiosos, tal prerrogativa define corpos cisgêneros e comportamentos heterossexuais enquanto normais e naturalmente definidos (Rosa, 2020). Em contrapartida, outras formas de expressão afetivo-sexuais são sistematicamente aproximadas de um sentido abjeto, ou seja, são tão afastados de um sentido de normalidade, que passam a ter seu reconhecimento negado (Butler, 2003). Nas palavras de Butler,

Na medida em que essa lei se compromete com a produção traumática de um antagonismo sexual em sua normatividade simbólica, ela só poderia fazê-lo descartando da inteligibilidade cultural – isto é, tornando culturalmente abjetas – as organizações culturais da sexualidade que excedem a alçada estruturante dessa lei. Naturalmente, o risco é que os mecanismos de regulação contingentes da produção do sujeito se reifiquem como leis universais, isentas do próprio processo de rearticulação discursiva que essas mesmas leis causam (Butler, 2019, p. 319).

Nessa máquina de produção ontológica, que tanto Foucault quanto Preciado problematizam como mecanismos de controle das performatividades³ e rotulação das normalidades, o sexo é dispositivo central de poder e de normalização (Foucault, 1977; Preciado, 2014). Dispositivo, por sua vez, é tido enquanto rede multilinear de objetos visíveis e enunciados invisíveis, que enquanto “máquinas de fazer ver e de fazer falar” (Deleuze, 1996, p. 1, se constrói como técnica biopolítica, que define, no campo do sexo, quais são as identidades sexuais e de gênero normais, ao mesmo

³ Em *Problemas de Gênero*, Butler argumenta que a característica genital não define o gênero, mas que este é socialmente construído e atribuído através da expressão de comportamentos considerados marcadores de gênero, como as roupas. Enquanto performatividade, entende-se a expressão destes marcadores de gênero a fim de garantir, (in)conscientemente a legitimação do gênero.



tempo em que caracteriza sujeitos desviantes como criminosos e um perigo para a sociedade.

A Sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida (Preciado, 2011, p. 11).

Em outras palavras, sexopolítica é a forma mais grotesca de biopoder, é o controle total dos corpos e afetos sob uma justificativa de manutenção da ordem. A heterossexualidade⁴ cisgênero, nesse caso, não é apenas uma prática sexual, mas um regime político que define tudo o que é considerado aceitável ou desprezível nas relações (Wittig, 2001).

Devidamente definido e demarcado o parâmetro de normalidade, corpos e afetos dissidentes, que fogem à possibilidade da disciplina, passam por mecanismos de segregação e negação de direitos básicos. Conforme afirma Foucault, o poder produz os seres que pretende governar, ou seja, somente a partir do momento em que algo tem nome, ele pode ser governado (Foucault, 1977). Nesse sentido, os designados “anormais” representam um risco ao biopoder, e como tudo que ameaça a ordem precisa ser eliminado (seja por segregação, punição ou morte) os corpos abjetos se tornam alvo de inúmeras perseguições (Preciado, 2011).

Como sistema econômico de produção ontológica, o capitalismo constrói na binaridade sexual e nas normativas de gênero uma das formas mais evidentes e eficientes de controle da carne (Butler, 2003). Esse mecanismo renuncia ao controle sobre a morte e passa a normatizar a vida e, portanto, todas as possibilidades de gestão do corpo e dos desejos precisam estar em concordância com os dispositivos que norteadores das expressões de gênero. Assim, aos homens é incumbida a virilidade implicada pelo dispositivo da eficácia, e às mulheres a amorosidade e a maternidade (Zanello, 2018).

Tais dispositivos multifacetados são expressões tão potentes que, por meio deles, até mesmo algumas práticas sexuais não heteronormativas são sancionadas. É no interior confortável e seguro da “casa dos homens”⁶, por exemplo, que se legitima relações homoafetivas, desde que estejam sustentadas por um ideal de virilidade e “*broderagem*” (Almeida, 1995; Welzer-Lang, 2001). Nas minúcias dessas relações, os sujeitos masculinos condenam as atitudes reconhecidas como femininas para fortalecerem suas próprias masculinidades e, deste modo, praticam sua

4 Segundo Monique Wittig, heterossexualidade como regime político, não prática sexual.

5 Anormais segundo a definição de Maurizio Lazzarato, não é simplesmente um efeito dos discursos sobre o sexo como dizia Foucault, mas uma potência política.

6 O termo “casa-dos-homens” é utilizado como uma metáfora dos espaços de socialização e manutenção dos dispositivos masculinos em nossa sociedade.



homossexualidade sem enfraquecer seu poder masculino e dominante (Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2018).

Se o poder é estabelecido por meio das relações, é a partir do confronto que esse mecanismo ganha impulso e, por esse motivo, o rompimento com a norma não se apresenta como uma estratégia viável. É preciso, portanto, tornar o poder contra produtivo, quebrá-lo em tantas possibilidades de práticas e desejos que não mais seria possível produzir classificações entre normal e dissidente (Preciado, 2014). As práticas contrassexuais já existem desde que o primeiro macaco usou um osso como extensão de seu braço, e hoje inventam novos territórios de expressão sexual:

O nome contrassexualidade provém indiretamente de Michel Foucault, para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (coma aquela proposta pelos movimentos de liberação sexual antirrepressivos dos anos setenta), e sim a contraprodutividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna. As práticas contrassexuais que aqui serão propostas devem ser compreendidas como tecnologias de resistência, dito de outra maneira, como formas de contradisciplina sexual (Preciado, 2014, p.22)

A essas novas possibilidades de expressão (contras)sexuais se denomina prazeres dissidentes, e são todas as ações que ultrapassam os limites considerados viáveis socialmente (Gregori, 2008; Preciado, 2014). Desconsiderando o que caracteriza seu mérito ou legalidade, alguns exemplos de prazeres dissidentes são: a homossexualidade, a transexualidade, a pornografia e o sadomasoquismo (Grunvald, 2018). Por se distanciarem da normativa, os prazeres dissidentes inventam novos territórios de exploração do gozo, em uma cartografia que reterritorializa o corpo e gera estranhamento:

Portanto, a invenção de novos sujeitos sexuais no final do século XIX (heterossexualidade-homossexualidade, normal-perverso, histórica-casta, masturbador-reprodutor etc.) é inseparável da circulação desses corpos nos espaços que atuam como teatros de subjetivação. (...) Em suma, uma cartografia queer não propõe necessariamente uma análise em termos de identidade, mas sim da produção de subjetividade, pensada mais em termos de movimento do que de posição, mais em termos de performatividade do que de representação, mais em termos de tecnologias políticas e de relacionalidade do que de objeto ou corpo. (Preciado, 2017, p.15-16)

Os corpos LGBTQIA+, embora estejam cada dia mais “fora dos armários”⁷, ainda se constroem como resistência, contra produção e dissidência. Estes apresentam à sociedade novas possibilidades de uso do corpo e dos prazeres, antes inimagináveis, como a penetração anal, a dispensabilidade do falo na obtenção do prazer e as modificações genitais. Estas não se configuram somente enquanto atitudes pessoais/subjetivas, mas também como atos políticos de não subordinação à normativa heterossexual branca. É a contrassexualidade encontrando espaço

⁷ Sair do armário”, do original em inglês “come out of the closet”, significa o movimento que a maioria das pessoas LGBTQIA+ vivencia de se assumir socialmente enquanto não cisheterossexual.



para deslegitimar o gênero (Preciado, 2014).

A pornografia⁸ é um dos dispositivos⁹ mais evidentes da sexopolítica, por meio do qual é instaurada uma pedagogia da sexualidade, produzindo modelos de normalidade no sexo: o que é sexual, onde, por quem, como e em qual tempo (Preciado, 2014). A partir da pornografia, todos os elementos do nosso cotidiano passam a ser sexualizados, o sexo passa a ser constantemente falado e vivido, e não mais escondido (Foucault, 1998). Ao mesmo tempo, os corpos que subvertem à ordem são colocados em posição inferior dentro da dinâmica pornográfica:

(...) pode-se dizer que a pornografia, como indústria sexopolítica, define um regime de excitabilidade que não cessa de des-realizar corporalidades e usos subversivos do corpo, ou alocá-los em posições subalternas (Mombaça, 2014).

No contexto de pós-segunda guerra mundial, o capitalismo encontra no sexopoder o impulso de controle do corpo em instâncias biomoleculares. A *Playboy* se torna o símbolo de uma geração que busca na fantasia a vivência dos prazeres que não podem ser consumados na prática. É inaugurada uma pornotopia, a utopia pornográfica que serve aos ideais de uma masculinidade cisgênero, heterossexual e branca (Preciado, 2010). Esta “prótese do sonho” (Preciado, 2014) pornográfica, apesar do conteúdo subversivo, apresenta duas características que não podem ser ignoradas: o objetivo capitalista de lucrar com o sexo; e a clara reprodução da divisão sócio-histórica entre um sexo “natural” permitido e o sexo “dissidente” e fetichizado (Preciado, 2010).

O mercado encontrou no império sexual¹⁰ um novo capital, e a indústria pornográfica *mainstream* é hoje um retrato de tudo o que a sociedade faz, mas também do que gostaria de fazer, mas mantém no campo da imaginação. Os prazeres dissidentes, desde os afetos homossexuais, BDSM (*bondage*, disciplina submissão e masoquismo), sexo anal, até mesmo práticas ilegais como a pedofilia e a zoofilia, são constantemente presentes. Mas o que torna estes prazeres convergentes, é que estão sempre sob a ótica da anormalidade e do fetichismo (Preciado, 2010; 2014). São simulações que reforçam o jogo de submissão: “Pode-se considerar que o pornô consegue compreender a abrangência do desejo somente à medida que o transformou em indústria” (Souza, 2019, p. 114).

No século XXI, o prazer se torna um elemento tão essencial que passa a ser capturada a todo instante, em um movimento incessante em busca do gozo. A “*potetia gaudendi*”, potência

8 Do grego pórne, prostituta e grafê, representação.

9 Dispositivo foucaultiano: expõem como os corpos são disciplinados e controlados a partir de relações de poder-saber.

10 Império Sexual, para Preciado (2014), é o sexo é correlato do capital, ou seja, tudo é controlado, desde o uso da nossa carne até as identidades de gênero. O objetivo é regular os corpos anormais, e torná-los normalizados, encaixados na dinâmica.



orgástica, se configura como o motor impulsionador de todas as formas de trabalho, a todo instante é necessário ir atrás daquilo que te gera prazer. Essa engrenagem não é somente pornográfica, é farmacopornográfica na medida em que os corpos já se apropriaram de tantas tecnologias que se tornam um híbrido de máquina e organismo, não sendo mais possível dissociá-los, se tornando *cybêrneticos* (Haraway, 1991). E é nesse contexto que a pornografia se irradia e atinge todas as instâncias do poder na intenção de capturar o gozo (Preciado, 2018).

Para além da pornografia *mainstream*, novas formas de representação sexual foram apresentadas ao longo da história, como a pós-pornografia, discutido por Preciado em sua obra “Contrassexualidade”, e apresentada como uma apropriação dos códigos cinematográficos pelos corpos subalternos, produzindo conteúdo para além do capital e do gênero. A principal proposta é romper com esta ideia de sexo normal/natural versus o fetiche/dissidência, e colocar todas práticas e corpos sexuais em um mesmo patamar. Nesse sentido, os corpos antes submissos fazem parte da produção, filmagem e estrelismo das obras, não mais com vista ao lucro, mas, objetivando tornar o sexo um exercício para todas as carnes e afetos. O corpo filmado e o que filma são objetos políticos de contraversão à ordem:

O pós-pornô brota no mundo pelos menos com dois pontos de partida (ramificados em milhões, dependendo de *quem vê e como vê*): reapropriação dos códigos audiovisuais pornográficos para reprogramar corpos potentes e cientes do poder da sexualidade, transformando o desejo em *desejos* estrategicamente políticos distantes da heterocisnormatividade elitista e branca; e a descentralização teórica e ontológica de uma epistemologia dominante, abrindo a brecha conceitual para desterritorializar as práticas e formas de pensar naturalizadas, e transformá-las em códigos e tecnologias de um pensar estratégico, situado e político (Nunes, 2016, p. 36).

A pós-pornografia não é sobre reestruturar ou limitar a pornografia, é um espaço criado para subverter o dispositivo pornografia e compor um manifesto que faz com que o unimaginável passe a compor o campo do possível. Se trata de um âmbito político de luta a favor de todas as identidades de gênero e sexualidade, até então subalternas. Para ilustrar o rompimento com o sexopoder, Preciado define dois objetos contrassexuais e destaque em sua obra: o sexo anal e o dildo (Preciado, 2014).

Uma nova ruptura é ainda proposta pelo pornoterrorismo, onde os corpos não são usados somente para subverter como na pós-pornografia, mas como verdadeiros campos de guerra. No pornoterrorismo, atitudes sexuais radicais são praticadas como forma protesto, a exemplo do golden shower¹¹ performado por dois jovens no “BloCu”, no centro de São Paulo no carnaval de 2019 (Junior, 2019). Uma performance de teor sexual subversivo praticado em público não poderia

¹¹ “Golden Shower”, ou chuva dourada em português, consiste na prática sexual de urinar na parceria.



gerar menos do que repercussão nacional e curiosidade política. O pornoterrorismo, portanto, evidencia o quanto o sexo é falseável, e com ele toda a dinâmica biopolítica por ele sustentado:

(...) recurso estilístico da radicalidade do monstro e do anormal numa pragmática governamentalizada da razão e do progresso humano. A paródia e o burlesco são remetidos para festivais de cinema, instalações e *performances* artísticas, e um neo-beauvoirismo reclama a realidade como fonte de verdade (Oliveira, 2020, p. 10).

Em todas as suas expressões sexuais, artísticas e políticas, a pornografia se configura como elemento central de tensões na sexopolítica. Em uma revisão anual realizada em 2019 pela Pornhub, uma das maiores plataformas digitais de entretenimento sexual, o perfil dos consumidores de pornografia é de homens (68%), jovens (média de 36 anos), que acessam o conteúdo via celular (76%). No Brasil, dos 22 milhões de brasileiros que assumem consumir conteúdos pornográficos, 76% são homens, jovens (58% têm menos de 35 anos), de classe média alta (49% pertencem à classe B) e estão em um relacionamento sério (69% são casados ou estão namorando) (Mauraro, 2018).

Além de estudos de caráter descritivo, grande parte dos pesquisadores debruça seus esforços relativo às possíveis consequências da pornografia para saúde física, mental e sexual dos indivíduos – consumidores diretos ou indiretos. O menor uso de preservativos nas relações sexuais e a consequente exposição a infecções sexualmente transmissíveis, comportamentos sexuais agressivos, prejuízos nos relacionamentos afetivos, vício, disfunções sexuais e danos à saúde mental individual ou coletiva estão entre os possíveis efeitos da pornografia, enquanto isso, educação sexual, melhora do engajamento nas relações afetivo-sexuais, empoderamento sexual e normalização das práticas sexuais estão entre os possíveis efeitos positivos (Marques, 2021; Baumel, 2020; Duarte, 2016).

Desse modo, fica evidente que, sendo um tema que perpassa os campos da educação, da saúde e dos costumes, a pornografia está sob constante investigação e vigilância. Alguns recentes estudos buscaram ainda investigar os perfis e consequências citados sob o viés do gênero e da sexualidade. Isso quer dizer que, muitos pesquisadores desenvolveram estudos comparativos entre grupos cisheterossexuais e LGBTQIA+ quanto ao uso das mídias sexuais e suas repercussões na saúde e comportamento. Diante disso, esse empreendimento científico se propõe a descrever e analisar estes estudos, a fim de investigar sob quais regimes de verdade eles estão sedimentados e as repercussões para a dos corpos dissidentes.

2 Objetivos

O presente artigo é parte constitutiva da primeira seção do texto dissertativo que contempla os resultados de uma pesquisa de mestrado, no qual objetivou-se analisar os discursos políticos em



torno dos usos dissidentes dos prazeres no período de 2018 a 2022, bem como suas repercussões na implementação de políticas públicas e direitos humanos no Brasil. A partir das investigações realizadas para a obtenção de substrato teórico na literatura para a construção da pesquisa, foi observada a necessidade de descrever as produções acadêmicas acerca da pornografia, analisando os regimes de verdade por elas produzidas discursivamente.

Como objetivos específicos, foi necessário: (a) Investigar se os enunciados relacionados aos impactos negativos da pornografia são vinculados de maneiras desproporcional à população LGBTQIA+ em relação ao público cisheteronormativo; (b) Descrever os impactos relatados – positivos e negativos – da pornografia, e sob quais critérios estes são relacionados com a orientação sexual e gênero; (c) Analisar sob que circunstâncias, gênero e orientação sexual são construídos como categorias de diferenciação do perfil de consumo da pornografia; (d) Apresentar os principais resultados das pesquisas e a relevância da comparação do consumo de pornografia entre grupos cisheterossexuais e LGBTQIA+ na descrição dos resultados; (e) Analisar as correlações realizadas entre pornografia, orientação e gênero pelos artigos; (f) Contribuir para o avanço científico do tema no âmbito da psicologia.

3 Metodologia

Conforme anteriormente explicitado, o presente artigo é produto de uma pesquisa de mestrado, que investigou vídeos no Youtube que contêm discursos políticos em torno da sexualidade. Previamente à análise dos documentos, foi realizada um levantamento na literatura com as principais investigações em torno da sexualidade e dos corpos dissidentes, a fim de construir um arquivo teórico para a pesquisa. Para tal, foram realizadas pesquisas em bases de dados com os seguintes descritores de busca: (Sexuality OR Sex OR Eroticism) AND (Erotica OR Pornography OR Pedophilia) AND (Social Construction of the Gender Identity OR Gender Norms OR heterosexuality OR dissident sexualities), além de (Sexuality) AND (Erotica) AND (Social Construction of the Gender Identity) AND (Gender Norms). As buscas foram realizadas nas bases de dados Pubmed, BVS (Biblioteca Virtual e Saúde), Scielo e Periódicos Capes, utilizando como filtro de busca o ano de publicação de 2004 a 2021¹². Foram encontrados os seguintes resultados: Pubmed com 260 artigos, BVS e Scielo sem resultados, Periódicos Capes com 230 artigos.

A princípio, a leitura dos resumos dos 490 artigos permitiu incluir 104 artigos, sendo 61 provenientes da Pubmed, e 43 do Periódicos Capes. Para tanto, os artigos deveriam atender aos seguintes critérios: (a) Analisar o papel das instituições na definição de comportamentos sexuais e

¹² A definição do período se deve à pesquisa em que se insere este artigo, abrange o período de 2004, marco inicial do Brasil sem Homofobia, até 2020, o período atual.



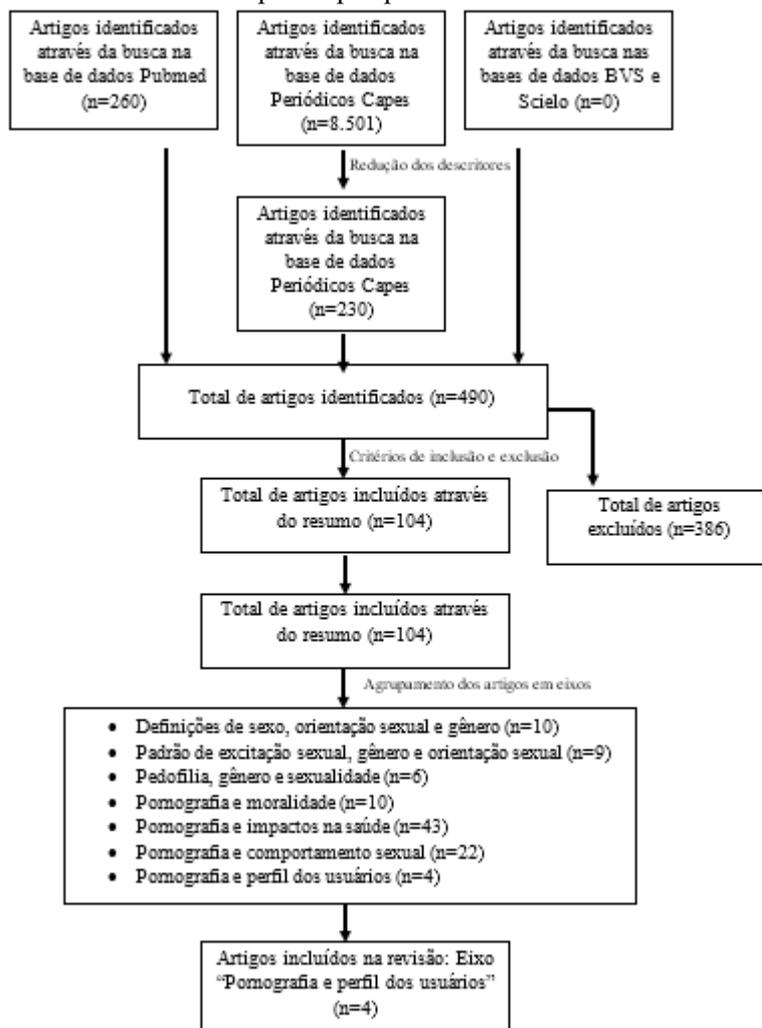
normas de gênero; (b) Caracterizar a representação social das pessoas e comportamentos não cis heteronormativos; (c) Analisar a pornografia como dispositivo sexobiopolítico e/ou as propostas de ruptura com a norma; (d) Discutir o perfil de pessoas que consomem pornografia, bem como suas consequências físicas, psicológicas e afetivo-sexuais em pessoas LGBTQIA+; (e) Analisar aspectos morais e/ou religiosos ligados ao consumo da pornografia; (f) Analisar as consequências da pandemia por COVID-19 no consumo de pornografia pela população; (g) Entender como é enunciada a posição de sujeitos que consomem a pornografia.

Finalizadas a seleção por resumos, teve início a leitura dos 104 artigos, os quais foram divididos segundo temática principal em 7 categorias: definições de sexo, orientação sexual e gênero (10 artigos); pornografia e moralidade (10 artigos); pornografia e impactos na saúde (43 artigos); pornografia e comportamento sexual (22 artigos); pornografia e perfil dos usuários (4 artigos); pedofilia, gênero e sexualidade (6 artigos); padrão de excitação sexual, gênero e orientação sexual (9 artigos).

A categoria denominada “Pornografia e perfil dos usuários” chamou atenção, visto que os 4 artigos apresentaram uma característica em comum: a proposta de comparar a utilização de pornografia entre pessoas LGBT e pessoas cisheteronormativas. Por esse motivo, se fez necessária a investigação dos pressupostos teóricos que levaram à necessidade desta comparação, bem como as verdades discursivas presentes nesses estudos.



Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos artigos utilizados para a confecção de um arquivo teórico para a pesquisa de mestrado.



Fonte: autoria própria.

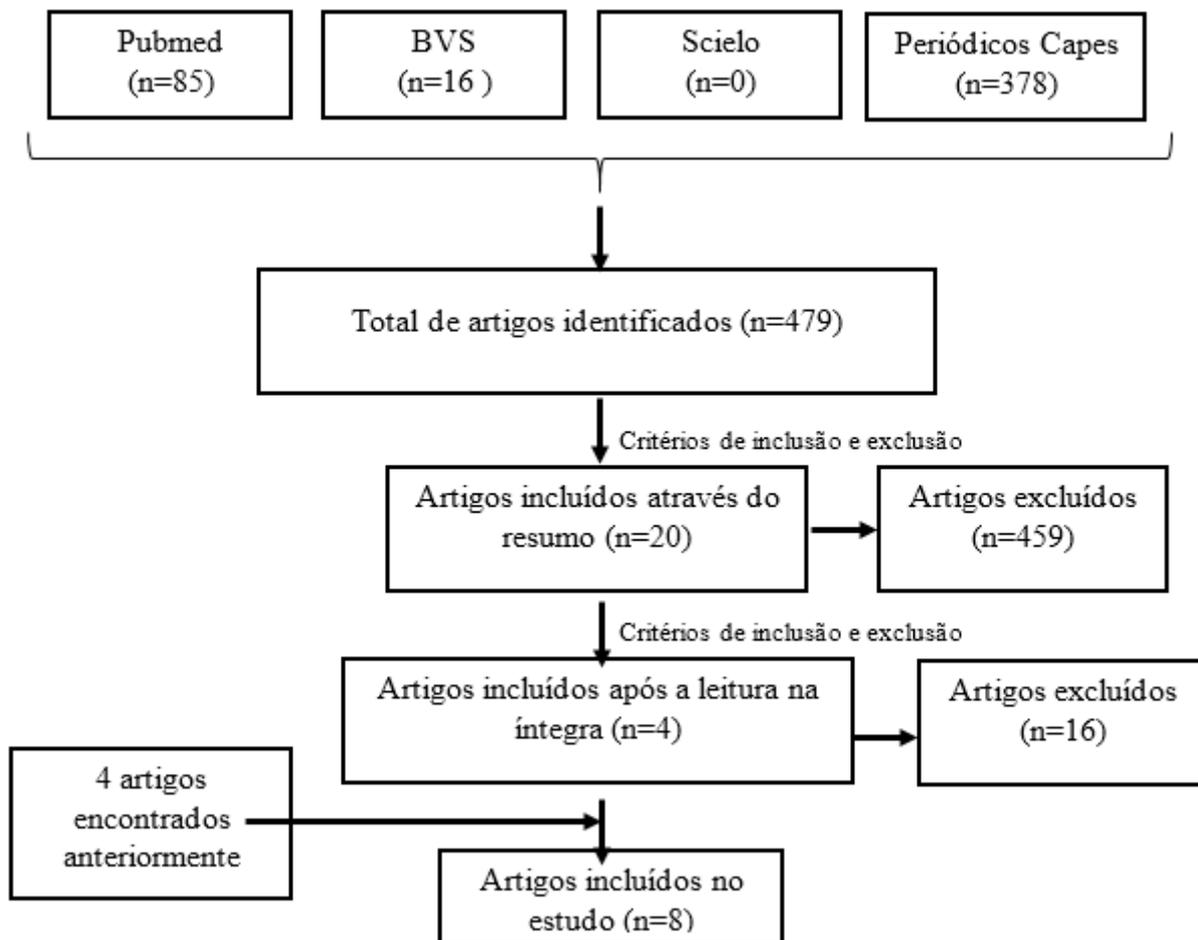
Após a identificação dos 4 artigos, foi iniciada uma nova busca nas plataformas de pesquisa já mencionadas, a fim de encontrar novos documentos que buscaram comparar a utilização de pornografia entre pessoas cisheterossexuais e pessoas LGBT. Para isso, os seguintes descritores de pesquisa foram utilizados: (Pornography OR Sexually explicit media) AND (Web Access OR internet) AND (Gender Minority OR LGBT OR Sexual Minority OR Sexual identity OR Sexual orientation OR Sexual Behavior), e foi utilizada ainda a filtragem de artigos gratuitos na íntegra. Para o Periódicos Capes, foram utilizados os seguintes descritores: (Pornography) AND (Web Access) AND (LGBT OR Sexual Minority), além da filtragem por artigos, periódicos revisados por pares e língua inglesa.

Foram encontrados 479 artigos, dos quais pertencem às seguintes fontes de informação: 16 – BVS, 378 – Periódicos Capes, 85 – Pubmed e 0 – Scielo. Todos passaram por uma leitura,



e somente 4 foram incluídos na análise pois atenderam ao critério de inclusão: (a) Abordar, seja como objetivo do estudo ou como análise demográfica, as diferenças no consumo de pornografia entre a comunidade LGBT+ e pessoas cisheteronormativas.

Figura 2 – Fluxograma do processo de seleção dos artigos incluídos no artigo.



Fonte: autoria própria.

A análise dos 8 artigos foi realizada a partir das propostas de Michel Foucault (2008) de análise do discurso, que se propõe a ir além da linguagem e dos enunciados e proporcionar uma reflexão profunda dos diferentes artifícios do discurso.

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem. [...] deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. [...] Na verdade, a supressão sistemática das unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimentos e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha geológica da história, mas já no simples fato do enunciado (Foucault, 2008, p. 31).



No que concerne os parâmetros analíticos, detalhados na obra “A arqueologia do saber”, os seguintes passos foram seguidos: inicialmente foi realizado um “trabalho negativo” de livrar-se de continuidades irrefletidas pelas quais se organizam, de antemão, os discursos que se pretende analisar. Em seguida, teve início a leitura minuciosa e atenta dos artigos, onde foram grifados conteúdos-chaves encontrados em cada enunciado, e que serviram de base para a construção de uma análise minuciosa dos regimes de verdade que os sustentam (Foucault, 2008). Por fim, o esquema construído ao longo dessas etapas, resultou nos resultados descritos a seguir.

4 Resultados e discussão

Os 8 artigos analisados apresentaram ao longo de suas narrativas visões bastante diversas, e até mesmo contraditórias, dos valores e dos efeitos da pornografia. Ao mesmo tempo em que são apresentados alguns argumentos conservadores, que caracterizam a pornografia como uma expressão profana da sexualidade, foram igualmente presentes os posicionamentos vanguardistas, que relacionam a pornografia à livre expressão. Essa duplicidade perpassou toda a amostra, estando presente não somente entre um artigo e outro, mas, inclusive e sobretudo, em um mesmo estudo, evidenciando a dualidade do tema.

Tal qual o papel destinado ao conteúdo sexualmente explícito, assumiu importante presença a constante intersecção entre pornografia, cisheteronormatividade e as práticas sexuais não normativas. De um lado, o encargo da indústria *mainstream* na esteira de formação e perpetuação de verdades; de outro lado a incômoda presença de práticas sexuais que colaboram para a desterritorialização do corpo. Os corpos e afetos LGBTQIA+ foram alvo de intensas problematizações.

A presença destas dicotomias, apesar de parecer incoerente em um primeiro momento, é na realidade a perfeita representação do espaço ocupado pela pornografia, que transita entre a dissidência e o ideal romântico. Nas próximas sessões, essas nuances serão detalhadas com maior profundidade. A tabela a seguir resume algumas das características dos artigos: ano de publicação do texto, número de participantes do estudo relatado, sua metodologia e seus principais resultados.



Tabela 1 – Dados descritivos dos artigos

Artigo	Ano	Revista	Número de participantes	Metodologia do estudo	Resultados descritos
SHARMA	2020	PLOS ONE	282 participantes para a análise quantitativa, 14 participantes para a análise quantitativa	Quantitativo e qualitativo	A pandemia por Covid-19 resultou em aumento da marginalização da população LGBT, agravando os indicadores de saúde mental e corroborando para o aumento no consumo de pornografia.
BÓTHE	2020	The Journal of Sexual Medicine	2846 participantes	Quantitativo	2/3 dos adolescentes fazem uso de pornografia, mais da metade deles com frequência semanal, e sugere que este comportamento influenciar desenvolvimento sexual dos adolescentes, inclusive a orientação sexual.
KLEIN	2019	Archives of sexual behavior	812 participantes	Quantitativo	Estudantes universitários estão engajados em diferentes experimentos sexuais, entretanto os resultados sugerem uma tendência á redução no volume de “desvios cybersexuais”.
WEINBERG	2010	Archives of sexual behavior	245 participantes	Quantitativo e qualitativo	Sugere que a ampla visualização de pornografia permite aos usuários a aprendizagem de padrões de desempenho sexual, bem como a normalização de comportamentos.



DOWN-ING	2017	Archives of sexual behavior	821 participantes	Quantitativo	Os resultados sugerem um maior consumo geral de pornografia entre homens gays e bissexuais, predominando padrões de consumo em ambientes comunitários e com comportamentos de risco, os quais podem influenciar em práticas sexuais de risco, como o sexo sem proteção.
PETER	2011	Archives of sexual behavior	1445 adolescentes e 833 adultos	Quantitativo	O estudo mostrou que o perfil de consumo de pornografia não se difere entre adolescentes e adultos, entretanto não foi capaz de prever quais consumos podem ser potencialmente perigosos, ou sua influência na definição de papéis de gênero.
DIR	2013	Cyberpsychol Behav Soc Netw	278 participantes	Quantitativo	A atividade de sexting culminou em expectativas mais positivas para homens, e negativas para mulheres. Diferenças em relação à idade, orientação sexual e status relacional também foram relatados.
TRÆEN	2006	Journal of Sex Research	10.000 participantes	Quantitativo	Foi descrito o perfil de consumo de pornografia como: homens jovens, de alta escolaridade, gays e bissexuais, e que utilizam a pornografia por meios virtuais.

Fonte: autoria própria.

4.1 Perspectivas desfavoráveis associadas à pornografia: a questão da saúde mental

Os efeitos negativos do consumo de pornografia na saúde mental dos usuários já são suficientemente documentados na literatura, em especial, a adicção, popularmente conhecido



como vício (Sharma, 2020), que é definido como o uso excessivo e problemático (Grubbs, 2018). Vício, por si só, é um termo carregado de estigmas, em vista de toda a carga maculosa previamente destinada ao doente mental. Contudo, tem sido utilizado no âmbito da literatura para designar que uma pessoa viciada em pornografia, embora haja relatos de busca do contato virtual com pessoas, procura saciar-se mais na masturbação usando, por exemplo, vídeos pornográficos, do que com a prática do ato sexual (Rocha, 2019). Neste mesmo contexto de estudo conjectura-se que:

Jovens usuários que fazem o consumo excessivo afirmam perceber a pornografia on-line como mais atraente que a pornografia antiga de revistas e filmes, pois é mais rápida e apresenta infinitas novidades. Relatam poder abrir múltiplas abas no computador ou em seus smartphones tendo acesso a todo tipo de sexo e indo direto ao ponto que desejam. Referem não ter motivação ou capacidade de investir tempo em relações afetivas que poderiam resultar em atividade sexual. Não obstante, referem também não terem a capacidade de seduzir o objeto de desejo por diversos motivos (Rocha, 2019, p. 71).

Na cultura ocidental, o sexo visto como inerente ao homem, um aspecto da natureza humana que deve ser valorizada enquanto relação conjugal e que, se atrelada aos valores religiosos cristãos, deve ser incentivada dentro do vínculo “sagrado” do matrimônio. Em contrapartida, a pornografia, postulada enquanto “vícios sexuais”, deve ser expurgada, em um sentido de limpeza, tanto moral quanto física da sociedade. São ideias que aproximam diretamente do que pode ser considerado pecaminoso ou maculoso, uma visão um tanto quanto bestializada da utilização dos corpos e do consumo do sexo (Santos, 2016). Foucault, em sua obra “Os anormais”, classifica enquanto “monstro humano” aquele “(...) em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (Foucault, 2001, p. 69). Embora o sexo seja constantemente falado, a diversidade em sua expressão é não apenas desestimulada, mas associada a todas as mazelas (Santos, 2013).

O vício, enquanto efeitos negativos mais associados à pornografia, é o exemplo mais visível do adoecimento mental associado a ela. Um dos artigos aqui analisados investigou o consumo de pornografia durante a pandemia de Covid-19 (Sharma, 2020) e apresentou a fragilidade mental proporcionada por este período histórico como fator de risco ao uso excessivo de internet, incluindo o vício em pornografia. A análise das consequências da pandemia na saúde mental dos indivíduos é de extremo valor, inclusive a fim de facilitar a criação de estratégias de proteção e cuidado desses indivíduos. Entretanto, o caráter de centralidade destinado à pornografia nos adoecimentos, mais uma vez, contribui para o encargo de desvio moral a ela designado.

A manifestação do consumo de materiais sexualmente explícitas foi, inclusive, comparada a outros comportamentos considerados viciosos, como o uso abusivo de álcool e de outras drogas (Dir, 2013) e de jogos de videogame (Rocha, 2019). Sem desconsiderar os riscos reais e potenciais



de todos os comportamentos ditos “viciantes”, é preciso evidenciar como a patologização de todos os comportamentos imorais opera como mecanismo de controle dos comportamentos e manutenção dos biopoderes. Levando em consideração que, em especial as drogas, são politicamente tratadas no Brasil enquanto sinônimo de crime e ameaça à ordem social, o que inclusive justifica o *slogan* de “guerra às drogas”, a sua associação com a pornografia é bastante significativa do ponto de vista moral. É traçado, portanto, uma linha direta entre pornografia, homossexualidade e a ameaça à família e ao tradicionalismo, estes tidos como essenciais para sociedade.

Termos como “*risk*”¹³, “*compulsion*”¹⁴ e “*exposure*”¹⁵ foram utilizados para corroborar com este posicionamento (Træen, 2006; Sharma, 2020). Em especial a frase “prone to use”¹⁶ (Bóthe et al., 2020), além de apoiar o caráter desvirtuante da pornografia, manifesta ainda a existência de grupos específicos que apresentam maiores “inclinações à imoralidade”. Mesmo em estudos que apresentaram um posicionamento progressista, estas irreflexões estiveram presentes e deixaram a mostra que, mesmo frente a todas as tentativas de ruptura com os estigmas (Træen, 2006), a pornografia ainda ocupa o espaço de doença.

Outra característica foi a relação realizada entre o consumo de pornografia e a presença de doenças mentais anteriores, ou seja, as doenças mentais foram classificadas como fatores de risco para comportamentos sexuais desviantes (Peter, 2011; Klein, 2019). A mesma relação foi também realizada entre doenças mentais e os afetos não cisheteronormativos, o que evidencia a patologização de todos os afetos e copos dissidentes (Klein, 2019). Foucault (2017), em “A história da Loucura”, já discutia como as definições do que pode ser considerado saúde ou doença operam enquanto mecanismo de controle das ações humanas e de regulamentação das condutas. À pornografia, o papel de doença inibe os comportamentos considerados imorais, e que a muito se fazem valer da pornografia como válvula de escape.

Outro aspecto relativo à saúde mental, deve-se à lacuna entre indivíduos heterossexuais e não heterossexuais nas lentes científicas. Ao se tratar do público heterossexual, numerosas consequências, tanto no âmbito mental individual, quanto sob o aspecto da sociabilidade e produtividade no ambiente do trabalho, são levadas em pauta: “*men who view SEM at work are more sexually compulsive and whether viewing in this context has a negative impact on productivity and inter personal work place relationships*”¹⁷ (Downing, 2017, p.11). Já em se tratar

13 Em tradução direta: “risco”

14 Em tradução direta: “compulsão”

15 Em tradução direta: “exposição”

16 Em tradução direta: “propensão ao uso”

17 “homens que assistem SEM no trabalho são mais sexualmente compulsivos, e assistir neste contexto tem um impacto negativo na produtividade e nas relações interpessoais no local de trabalho.” (tradução pela autora).



de um público LGBTQIA+, a saúde mental assume um caráter secundário, e a maior preocupação dos pesquisadores se debruça sobre o adoecimento físico, em especial vírus da imunodeficiência humana- HIV (Downing, 2017). A saúde mental de pessoas LGBTQIA+ é colocada em pauta somente na medida em que servem como forma de demarcação das verdades, mas não como mecanismo de prevenção e cuidado em saúde.

4.2 Perspectivas desfavoráveis associadas à pornografia: a questão da saúde física

Efeitos negativos no âmbito da saúde física também foram introduzidos ao longo das narrativas, e se debruçaram sob dois pilares principais: as disfunções sexuais e as infecções sexualmente transmissíveis (IST). Um dos artigos analisados descreveu como a pornografia aumenta a pressão estética sobre os corpos e desempenhos sexuais, o que gera impactos negativos sobre a autoestima e, conseqüentemente, ocasiona prejuízos na crença de autoeficácia, corroborando para o surgimento de disfunções sexuais em jovens (Klein, 2019).

A literatura é bastante enfática em como o consumo de materiais sexualmente explícitos pode gerar prejuízos à função sexual e é fato que a pressão estética e cisheteronormativa na pornografia *mainstream* ocasiona prejuízos. Entretanto, chama a atenção como este discurso serve não para gerar engajamento em prol da saúde sexual e da autonomia dos indivíduos (que são vítimas deste sistema), mas sim, antagonicamente, para gerar sua culpabilização e classificá-los como “desviantes”, ou mesmo por vezes, “delinquentes” e “criminosos”. Os efeitos negativos descritos servem para ratificar o estigma e não para, efetivamente, engajar mudanças.

Para além das disfunções sexuais, a temática das doenças sexualmente transmissíveis foi a de maior correspondência nos artigos, e em todos eles com um caráter negativo. A pornografia foi apontada como influenciadora de práticas sexuais perigosas, e que são fatores de risco para as IST, como por exemplo o sexo sem proteção (Downing, 2017). É inegável que o uso de camisinha é uma das principais orientações do Ministério da Saúde para prevenção de IST, e que a maioria dos vídeos sexualmente explícitos não incentivam a sua utilização, entretanto não é a falta de preservativo que se torna central nas discussões, mas sim por quem, para quem e onde.

Primeiramente, especial preocupação é destinada ao sexo anal entre homens, na qual muitas das discussões se debruçam sobre o “*bareback porn*”¹⁸, nome dado à prática (fetichizada) de sexo anal sem proteção (Downing, 2017). É notório que o contato com materiais pornográficos deste tipo incentiva o sexo desprotegido, já que, em vista da escassez de educação sexual para grande parte da população brasileira, a pornografia se torna um referencial de prática sexual (Alves, 2021).

18 Gíria utilizada para definir a pornografia sem uso adequado preservativo.



Entretanto, igual preocupação não é direcionada a outras práticas sexuais desprotegidas, como o sexo vaginal, o sexo oral e o sexo entre mulheres.

Ainda que no âmbito das práticas relacionadas ao sexo anal, há uma clara preferência em se discutir o sexo entre homens, enquanto o sexo anal entre casais heterossexuais é negligenciado. Essa preocupação seletiva, levanta discussões acerca da homofobia, já que traz consigo uma carga negativa, que classifica um sexo puro e aceitável (o heterossexual), enquanto outro é sujo e dissidente (o homossexual) (Downing, 2017). Mais uma vez, a saúde é colocada como justificativa para a discussão, mas o que permeia as falas são os preconceitos internalizados.

Além do sexo anal entre homens, os vídeos amadores também foram palco de importantes discussões (Downing, 2017). Foi apontado que, no consumo de materiais amadores os consumidores estão mais expostos a comportamentos de risco, como o sexo sem proteção. A afirmativa é bem fundamentada na literatura, já que diferente das produções cinematográficas, a pornografia amadora não possui nenhum tipo de regulamentação ou vigilância. Entretanto, parece ser ignorado que o contexto social da pornografia amadora, que em geral é produzida por pessoas em situação de vulnerabilidade social e que eles próprios necessitam de cuidados específicos na saúde, incluindo estratégias de educação sexual (Ferreira Filho, 2021). O tema da pornografia amadora vai para muito além da falta de regulamentação, e, portanto, as estratégias de cuidado não podem estar limitadas ao seu destino.

De uma forma geral, os riscos potenciais discutidos são de extrema importância, já que, de fato, disfunções sexuais e IST possuem correlação direta com a pornografia, descritas na literatura. Contudo, todas as falas tiveram como pano de fundo a classificação da pornografia como dissidência, e até mesmo o preconceito contra as práticas sexuais e afetivas LGBTQIA+. Uma coerente investigação a respeito dos efeitos físicos negativos da pornografia deveria, portanto, investigar todas as práticas sexuais desprotegidas, sem distinção; a violência contra as mulheres; a pornografia de vingança; a misoginia, a fetichização do corpo transexual, entre tantos outros temas.

4.3 Perspectivas desfavoráveis associadas à pornografia: sobre conceitos e termos

Em relação a todos os efeitos negativos, tanto físicos quanto mentais, apresentados direta e indiretamente pelos artigos, alguns chamaram atenção em sua insistente utilização. Como já foi evidenciado anteriormente, a relação entre pornografia e vício foi ponto de intersecção de quase todos os artigos, e palavras como “*risk*” “*addiction*” (Sharma, 2020), “*exposure*” (Træen, 2006) e “*prone to use*” (Böthe *et al.*, 2020) foram frequentes, além das comparações com outras atividades compulsivas como o vício em álcool e drogas (Böthe *et al.*, 2020; Sharma, 2020; Træen, 2006)



Um artigo chamou atenção ao comparar a pornografia ao “*forbidden fruit*”¹⁹, uma alusão ao pecado original da Bíblia, interpretando o interesse dos jovens pela pornografia como um impulso direcionado a tudo o que é errado e proibido (Peter, 2011). O caráter religioso da afirmação chama atenção, e não se confirmou pela pesquisa, já que a mesma concluiu que o consumo de pornografia é maior entre adultos em relação aos adolescentes.

Além do caráter de patologia e aberração, muito frequentemente o desvio sexual (“*cyber sexual deviance*”) (Klein, 2019) é utilizado para descrever não somente a pornografia, mas outras práticas como a não monogamia, a masturbação e a prostituição (Klein, 2019). Dentro da própria pornografia, algumas práticas são consideradas mais desviantes que outras, como sexo anal e o sexo oral (Weinberg, 2010). Interessante notar que Klein, 2019, além de descrever os desvios, ainda apresenta como fatores de risco para a sua ocorrência a presença de muitos parceiros sexuais e a masturbação. A palavra “*deviance*”²⁰, utilizada ao longo de todo o artigo, incluindo seu título, foi propositalmente omitida nas perguntas de pesquisa, “*in order to not bias the participants or their self-report responses*”²¹.” (Klein, 2019, p. 622).

O termo dissidência, tão importante para essa pesquisa, foi também utilizado, e a seguinte frase foi usada para descrever pornografia: “*Different technologies can provide exposure to sexual behaviors or materials that are inconsistent with the norms or laws of wider society*”²².” (Klein, 2019). Mais uma vez, o caráter de violação e ruptura, até mesmo criminoso, faz parte do leque de adjetivos utilizados para se referir aos conteúdos sexualmente explícito (Klein, 2019; Weinberg, 2010).

4.4 Perspectivas favoráveis associadas à pornografia: sobre alguns otimismo

Um aspecto interessante é que cada artigo apresentou sua própria visão do que pode ser considerado pornografia (vídeos amadores, vídeos produzidos por indústrias cinematográficas, revistas, fotos, mensagens), mas de forma comum, o caráter de entretenimento esteve presente em todas as definições: “*Pornography functions as means of entertainment, sexual arousal and stimulation, and as an information source about sexuality, particularly for young people (...) The internet is an arena where people can explore their own sexuality without physical interaction and*

19 Tradução direta: “fruto proibido”

20 Tradução direta: “desvio”

21 “(...) para não influenciar os participantes ou suas respostas de autorrelato.” (tradução pela autora).

22 “Diferentes tecnologias podem proporcionar exposição a comportamentos ou materiais sexuais que são inconsistentes com as normas ou leis da sociedade em geral.” (tradução pela autora).



can act out fantasies in a secure context.”²³ (Træen, 2006, p. 246-247).

Apesar das diversas variáveis negativas já discutidas, muitos aspectos positivos também foram elencados. O discurso otimista vem quase sempre com o objetivo de “normalização” da pornografia, ou seja, de contribuir para a quebra de seus estigmas. Ainda que coerente, por diversas vezes o posicionamento de ruptura parece negar os efeitos deletérios já descritos: “supostos efeitos negativos” (Weinberg, 2010, p. 1389); bem como ignorar que existem diferentes expressões pornográficas, e que cada uma possui características específicas que devem ser consideradas.

A primeira e mais importante perspectiva otimista apresentada diz respeito à educação sexual. Muitos autores destacam que, frente à falta de educação sexual pelos setores responsáveis como escola e família, a pornografia é tida pelos jovens como uma importante fonte de educação sexual (Downing, 2017; Træen, 2006; Weinberg, 2010). É inquestionável que é na pornografia que muitos jovens e adultos adquirem sua maior fonte de aprendizado dos padrões de comportamentos sexuais, mas vale uma reflexão: é a pornografia *mainstream* fonte de educação ou de referência sexual?

Referência sexual significa que ela é utilizada na obtenção de informações e construção de um imaginário sexual. Aprende-se através da pornografia (em especial na *mainstream*) quais comportamentos são considerados aceitáveis e esperados para cada gênero, e quais estão no campo da objetificação e fetichização, sendo, portanto, anormais. Não obstante, se perpetuam padrões machistas, brancos e cisheterocentros (Weinberg, 2010, p. 1389). Conclui-se, portanto, que essa não é uma fonte educacional, pois não fornece o conhecimento técnico necessário para a formação de indivíduos sexualmente saudáveis e bem resolvidos, mas sim uma importante referencial de comportamentos.

Em relação à comunidade LGBTQIA+, algumas considerações específicas em relação à educação sexual precisam ser realizadas: primeiramente, frente ao padrão cisheteronormativos, muitas pessoas têm na pornografia seu primeiro contato com a possibilidade de expressão de desejos e afetos homossexuais. Nesse sentido, a pornografia tende sim a ser uma importante fonte de ruptura, mas, não é possível desconsiderar que, estando ela inserida dentro da norma, ela mesma apresenta uma visão da homossexualidade extremamente demarcada de estereótipos e preconceitos.

A Pornografia, enquanto obra ficcional, possui a capacidade de capturar as experiências do corpo, trazendo para o âmbito dos sentidos e da realidade aquilo que se deseja e imagina.

23 “A pornografia funciona como meio de entretenimento, excitação e estimulação sexual e como fonte de informação sobre a sexualidade, especialmente para os jovens (...) A Internet é uma arena onde as pessoas podem explorar a sua própria sexualidade sem interação física e podem encenar fantasias num contexto seguro.” (tradução pela autora).



Ou seja, ao mesmo tempo que se apresenta para fora do que é palpável ao seu consumidos, ela tem a capacidade de tornar mais palpáveis experiências antes (in)imagináveis (Santos, 2015). Ao mesmo tempo em que colabora para essa aproximação com a sexualidade, ela é também utilizada para fortalecer uma constante necessidade pelo gozo, ou seja, todas as ações cotidianas passam a necessitar desta “*Potetia Gaudendi*”, potência orgástica, se configura como o motor impulsionador de todas as formas de trabalho, a todo instante é necessário ir atrás daquilo que te gera prazer. Esta engrenagem não é somente pornográfica, é Farmacopornográfica na medida em que o corpo já se apropriou de tantas tecnologias que já não é mais possível distinguir entre o que é carne e o que é máquina, e então a pornografia se irradia e atinge todas as instâncias do poder na intenção de capturar o gozo (Preciado, 2018).

Em segundo lugar, existem hoje outras formas de pornografia para a além da *maistream*, como a pornografia feminista, a pornografia contrassexual e o pornoterrorismo, todos eles com a proposta de romper com a ótica do homem branco nos filmes, e colocar a produção e estrelismo das obras nas mãos das minorias. Essas são propostas que precisam ser melhor estudadas quanto ao seu impacto no referencial sexual de pessoas LGBTQIA+. Em terceiro lugar, muito além de pensar a pornografia como educação sexual, é preciso implementar uma verdadeira educação sexual, em ambientes familiares, acadêmicos e de saúde, onde seja prioridade a disseminação de informações com evidência científica e de acordo com as demandas específicas de cada grupo social.

Além de fonte de educação, a pornografia foi descrita em alguns artigos como fonte de empoderamento sexual, atrelada inclusive aos discursos feministas, na medida em que permite a livre expressão do corpo e da sexualidade (Weinberg, 2010). Nesse sentido, é preciso questionar até que ponto a livre expressão do corpo está desprendido de estigmas, já que pornografia gera e é gerada a partir de padrões corporais irrealis, e estes colaboram diretamente para a insatisfação com o corpo real.

Podem, sim, ser apontados benefícios do empoderamento sexual para indivíduos que se adequam aos padrões de normalidade, mas como pensar em um empoderamento para corpos dissidentes? Corpos gordos, transexuais, travestis, afeminados, negros, entre tantos outros, são constantemente objetificados e demarcados dentro da pornografia como inferiores. A esses corpos é preciso questionar como o processo de empoderamento pode ser possível em meio à abjeção.

Outro ponto favorável destacado nos artigos analisados é referente à sociabilidade possibilitada pelos contatos sexuais através da internet. Um dos artigos analisados se debruçou sobre as práticas de *sexting* (envio de conteúdo sexualmente explícito pelas redes sociais), e foi incluído nesta análise pois definiu a prática como uma forma de expressão pornográfica. O *sexting*



é um costume muito moderno, que surge com a popularização da internet e das redes sociais, e possibilidade de uma socialização sexual ainda precisa ser mais bem estudada e compreendida (Dir, 2013). Alguns fenômenos perigosos, como por exemplo o vazamento de nudes e a pornografia de vingança, ainda são tão recentes que possuem pouca regulamentação legal.

Tendo em vista o contexto de pandemia pelo coronavírus, a internet surge como uma alternativa para permitir tanto a manutenção de uma vida social sob os moldes digitais, quanto de uma vida sexual ativa (Sharma, 2020). Durante a pandemia, houve um aumento significativo dos acessos à pornografia, da taxa relatada de masturbação e de *sexting* (Dir, 2013; Sharma, 2020), resultados dessa adequação compulsórias das relações à nova realidade. Esses, inclusive, foram fatores relacionados a uma melhor saúde sexual e psicológica durante o período de isolamento social (Downing, 2017).

4.5 Contexto social dos diferentes grupos sexuais

Todos os artigos compararam o uso de pornografia entre pessoas cisheterossexuais, e pessoas LGBTQIA+, seja como objetivo primário da análise, seja como parte da análise descritiva da amostra. Fato é que, em todos eles, parte da justificativa para a pesquisa é canalizada no menor acesso à educação sexual por parte das pessoas não heterossexuais, o que de fato é uma realidade global (Bóthe *et al.*, 2020). Entretanto, uma forma coerente de atingir este objetivo, seria por meio da investigação, entre os consumidores e não consumidores de pornografia, do nível de educação sexual a que foram expostos durante o período de desenvolvimento, e não somente descrever quantitativa ou qualitativamente o consumo de pornografia.

Além da falta de acesso à informação, pela comunidade LGBTQIA+, foi ainda apontada como mais propensa a desenvolver hábitos de consumo de materiais sexualmente explícitos por uma questão de vulnerabilidade mental, como ansiedade e depressão (Sharma, 2020). Uma problematização interessante nesse sentido foi realizada por Sharma (2020), que comparou o uso de pornografia durante a pandemia de Covid-19 entre pessoas heterossexuais, bissexuais e homossexuais. A sua hipótese era a de que, a maior vulnerabilidade social das pessoas LGBTQIA+ nesse período devido ao isolamento social, às maiores taxas de desemprego, o menor apoio familiar e social e o menor acesso à saúde, muito bem documentadas na literatura (#VOTELGBT, 2020) são fatores de risco que potencialmente podem aumentar o consumo de pornografia. Esta hipótese foi confirmada, e apesar de patologizante, é carregada de resultados que podem contribuir para maiores intervenção neste sentido.

Importante refletir que, apesar da realidade de vulnerabilidade social que justificou esta



análise no período pandêmico, igual importância não foi direcionada a outros contextos pessoais igualmente impactados pelo isolamento, como o sono, o uso de medicações e a alimentação. Quando o objeto de análise são pessoas cuja sexualidade rompe à norma, a sexualidade é tema constantemente discutido e demarcado, fruto deste interesse social pelos prazeres desconhecidos, e que restringe o indivíduo ao seu sexo. Em seu desenvolvimento, alguns artigos apresentaram hipóteses que merecem ser destacadas: Klein (2019) coloca a possibilidade de gays “enrustidos” consumirem mais material pornográfico em relação a gays assumidos. Não foi incomum os artigos apresentarem esta característica de curiosidade em relação ao sexo como condição para o consumo de pornografia e na esteira social, classificar gays, lésbicas e bissexuais como os mais propensos a esta curiosidade, como se o processo de descoberta e desenvolvimento da própria sexualidade fosse uma exclusividade destes.

Essa associação é fruto direto do imaginário social que associa o ser LGBTQIA+ com a promiscuidade. Este estigma pode até encontrar certo fundamento se considerado que, na escassez de modelos de homossexualidade socialmente aceitos, pessoas LGBTQIA+ precisam encontrar nas próprias experiências, muitas delas à margem da sociedade, as respostas para os desejos e identificações que os levam a questionar a cisheteronormatividade. Entretanto, é a própria cisheteronormatividade que obriga estas expressões corporais a serem realizadas de forma marginalizada, escondida, alimentando a curiosidade da população em geral acerca do que se faz, e como se faz o uso do corpo transexual, homossexual, bissexual, entre outros. Essa curiosidade geral não se limita à pessoa LGBTQIA+, mas perpassa todas as pessoas, e caso o uso dos corpos e dos prazeres não dependesse de tantos filtros morais, sua expressão seria normalizada como são as cisheteronormativas.

4.6 Preconceitos e estigmas da população LGBTQIA+

Ao longo da leitura dos artigos, chama a atenção que todos apresentam uma justificativa social para a análise do consumo de pornografia, ou seja, alegaram a comparação do consumo entre heterossexuais e não heterossexuais a partir da importância da compreensão dos impactos da pornografia na saúde dos indivíduos. Entretanto, nenhum deles de fato se debruçou sobre os tópicos relacionados à saúde e qualidade de vida em suas metodologias. Apesar de já ser consenso na literatura que o consumo excessivo de pornografia *mainstream* acarreta impactos negativos para a saúde física e mental, tanto dos consumidores, quanto de seus parceiros sexuais, estas variáveis não foram analisadas (Marques, 2021; Baumel, 2020; Duarte, 2016).

Um exemplo prático pode ser tido no texto de Sharma (2020), que investigou diretamente



os impactos do isolamento social pela pandemia de Covid-19, mas não citou os impactos do isolamento social em variáveis como alimentação, sono, saúde mental e qualidade de vida, apesar de apontar em sua introdução a intersecção entre estes fatores e a orientação sexual. Pesquisa realizada pelo grupo #voteLGBT (2020), aponta que 42,73% da população LGBT refere impactos negativos do isolamento social na saúde mental, e 54% necessitaram de apoio psicológico profissional neste período.

A pornografia, no contexto pandêmico, apresenta-se como via de mão dupla: se por um lado pode agravar os impactos do isolamento por todos os fatores de adoecimento a ele elencados, por outro pode servir como suporte para redução da ansiedade do contato social. Uma análise profunda dessas nuances seria de extrema importância para facilitar a criação de estratégias pelos profissionais da saúde mental. Entretanto, maior mérito foi fornecido à comparativa da frequência de seu uso entre pessoas heterossexuais e LGBTQIA+.

O texto de Downing, (2017) corrobora o imaginário de que a pornografia pode ser utilizada como meio de educação sexual, em especial entre pessoas LGBTQIA+, por estes terem significativamente menor acesso à educação sexual específica para suas necessidades. Era de se esperar, portanto, uma profunda discussão em relação aos impactos da educação sexual pornográfica, e da importância da criação de estratégias de educação sexual mais eficazes. No entanto, os autores se limitam a comparar as diferentes formas de utilização da pornografia, como, por exemplo, o ambiente de consumo (casa, trabalho, festas, entre outros) e o tipo de material consumido (sexo vaginal, anal, oral, entre outros) (Downing, 2017).

Não infrequente também foram as afirmativas com hipóteses preconceituosas a respeito dos indivíduos não heterossexuais. Böthe (2020) julga possível em sua introdução que meninas LGBTQIA+ comecem a utilizar materiais sexualmente explícitos em uma idade mais precoce em relação a seus pares de mesma idade, exatamente pela maior escassez de educação sexual. Na prática, os resultados foram ao encontro de estudos anteriores e mostraram que na realidade são meninos, independente da orientação sexual, aqueles que iniciam o primeiro contato com a pornografia. Esse tipo de argumento, que isola a orientação sexual em sua análise, parece ignorar os diversos outros dispositivos ligados ao contato com a pornografia, como a masculinidade, a misoginia e o fetichismo (Böthe *et al.*, 2020).

Além da justificativa na higiene, outro ponto muito utilizado pelos estudos é a representatividade da comunidade LGBTQIA+ na ciência. Entretanto, como representatividade se entende a “qualidade de alguém (...) exprimir-se verdadeiramente em seu nome” (Oxford, 2022), ou seja, a sua inclusão em todas as etapas do processo de estudo, e não somente como objetos



passivos de análises com bases cisheteronormativas. É extremamente tendenciosa a realização de estudos que compram dois ou mais grupos, em especial quando um deles é tido como norma, e o outro como dissidência, como é o caso da orientação sexual.

O estudo de Træen (2006), por exemplo, realizou um cruzamento de dados entre a população LGBTQIA+, o consumo de pornografia e a prática de sexo grupal e com múltiplos parceiros. Sua hipótese era a de que homossexuais consomem mais pornografia da categoria “sexo em grupo”, e que por este motivo estão mais propensos a efetuar a prática, bem como a ter um maior número de parceiros sexuais ao longo da vida. Esta linha de raciocínio, além de infundada na literatura, é carregada de estigmas relativos ao corpo homossexual como pecaminoso e pervertido.

Downing (2017) percorre um caminho semelhante ao assumir que todo indivíduo heterossexual limita seu consumo de materiais sexualmente explícitos de cunho heterossexual, e que, portanto, homossexuais limitam seu uso a práticas homossexuais. Apesar de, a princípio, parecer uma afirmação lógica, esta não possui fundamento na literatura, a parte do pressuposto de que as práticas sexuais precisam seguir padrões de gênero e orientação sexual previamente estabelecidas. Além disso, a segregação cria uma expectativa entre a pornografia considerada correta (heterossexual), e aquela considerada danosa (homossexual). Outros artigos foram além das classificações preconceituosas, e a noção de homossexualidade com desvio sexual. Este foi o caso de Klein (2019), que classificou ambas, pornografia e homossexualidade, como desvios, passíveis, inclusive, de criminalização.

4.7 Demografia e sua intersecção com a análise

Alguns fatores demográficos dos estudos chamaram a atenção e, portanto, merecem uma sessão de destaque. Inicialmente, a maioria dos estudos parece ter excluído não intencionalmente indivíduos de maior vulnerabilidade social de suas análises (Downing, 2017; Bóthe *et al.*, 2020; Sharma, 2020). Isso porque foram realizados através de formulários digitais, com captação por mídias sociais ou em universidades. Colaborando para a hipótese, é possível notar que os valores demográficos de renda e escolaridade apresentam nível elevado para a maioria dos entrevistados, o que mostra que aqueles de menor nível socioeducacional não foram entrevistados. Em sua discussão, Træen (2006) aponta o viés da renda como importante para a interpretação dos resultados.

Outro dado interessante se refere aos fatores de gênero e idade dos entrevistados. O referencial de gênero, muito importante para a compreensão do fenômeno da utopia pornográfica, foi distanciado das análises. Pouca ou nenhuma atenção foi dada às diferenças de gênero, e os poucos estudos que o fizeram se limitaram à divisão binária de “feminino” e “masculino”, baseada



em fatores biológicos, sem de fato buscar a compreensão as diferentes expressões de gênero no consumo de materiais sexuais. Downing (2017), por exemplo, analisou a pornografia como meio de educação sexual, mas excluiu jovens menores de 18 anos, faixa etária de maior importância da educação sexual.

Böthe (2016) trouxe em sua tabela de descrição demográfica um dado interessante em relação à orientação sexual da família, mas não aproveitou propriamente os dados encontrados. Seus dados sugerem que a orientação sexual do participante, bem como seu consumo de pornografia, independe da orientação sexual de seus pais e cuidadores. Estes dados poderiam ter sido mais bem utilizados para discussão, entretanto foram perdidos na tabela descritiva do artigo (Böthe et al., 2020).

Por fim, Klein (2019), apresentou a comparação do consumo de pornografia entre diferentes orientações sexuais como fator demográfico, e não como objetivo do estudo. Apesar de citados na metodologia demográfica, os dados não foram representados nos resultados, o que impediu a sua compreensão. Os autores justificaram que houve uma grande discrepância no valor amostral entre grupos (Klein, 2019).

4.8 Caracterização dos autores

A investigação dos autores responsáveis pela realização dos estudos também foi capaz de fornecer importantes contribuições para esta análise. Inicialmente, embora este não seja um critério de inclusão na amostra, todos os 8 artigos foram realizados por pesquisadores das áreas de saúde mental – três da psicologia (Böthe *et al.*, 2020; Downing, 2017; Træen, 2006) e uma da psiquiatria (Dir, 2013) -, e os demais das ciências sociais. (Klein, 2019; Peter, 2011; Sharma, 2020; Weinberg, 2010).

Em relação às revistas nas quais foram publicados os artigos analisados, cinco foram retirados de fontes multidisciplinares de estudo da sexologia, sendo quatro deles em uma mesma revista (Klein, 2019; Downing, 2017; Peter, 2011; Træen, 2006). Os demais artigos foram encontrados em fontes variáveis da psicologia, medicina e ciências médicas.

Não foi observada nenhuma consistência em cada um dos recortes acadêmicos em relação às qualidades atribuídas à pornografia, bem como às perspectivas em relação ao seu consumo pelos corpos dissidentes. Ou seja, em todos os campos científicos, foram encontrados artigos com visões positivas e negativas em relação ao consumo de materiais pornográficos, bem como tratamentos mais ou menos humanizadas aos dados relacionados ao gênero e orientação sexual dos consumidores.



Outros recortes dos autores foram realizados, e dentre eles um merece especial destaque: o recorte socioeconômico. Sete artigos foram desenvolvidos em universidades de países desenvolvidos, como Estados Unidos, Canadá, Noruega e Amsterdã (Bóthe et al., 2020; Dir, 2013; Downing, 2017; Klein, 2019; Peter, 2011; Træen, 2006; Weinberg, 2010), e somente uma pesquisa foi desenvolvida em território subdesenvolvido (Sharma, 2020). Este último foi realizado na Índia durante o período de *lockdown*²⁴ da pandemia por Covid-19, e foi o único a realizar um recorte cultural em sua introdução, apontando para necessidade do contexto social conservador e religioso na qual sua pesquisa se insere ser levada em conta no momento da interpretação dos resultados. Este é ainda um dos poucos autores a apontar a vulnerabilidade social dos corpos LGBTQIA+ como importante fator de exposição à solidão em sociedade, em especial no período pandêmico, levando ao aumento do consumo de pornografia, e às suas repercussões positivas e negativas à saúde mental (Sharma, 2020).

Quatro artigos foram desenvolvidos em território norte americano, e todos apresentaram importantes contribuições na estigmatização do corpo homossexual como impuro e imoral, associado ao consumo exacerbado da pornografia e do incentivo às expressões sexuais consideradas de risco ou socialmente inaceitáveis (Dir, 2013; Downing, 2017; Klein, 2019; Weinberg, 2010). Somente Weinberg (2010), embora tenha contribuído negativamente, também apresentou alguns argumentos menos robustos em relação à importância da educação sexual no combate à a hipersexualização, fetichismo e padronização dos corpos e prazeres.

Embora economicamente desenvolvido, os Estados Unidos da América estão inseridos em um contexto social liberal-conservador que muito se assemelha ao brasileiro, e que repercute diretamente no fortalecimento dos movimentos sociais tradicionalistas neste segundo. Nas últimas décadas, o fracasso do capitalismo que deu origem a uma crise financeira e acentuou a desigualdade social em toda a América, fortaleceu discursos de maior viés social, preocupados com a desigualdade econômica, racismo, homofobia e machismo (Sousa, 2021). Em contrapartida, os setores mais tradicionalistas, preocupados com a ameaça dos movimentos populares ao liberal-conservadorismo, passaram a utilizar argumentos de base religiosa para cultivar um ambiente de medo do comunismo, e com isso garantir um ambiente economicamente liberal, mas socialmente conservador (Sousa, 2021; Vidal, 2019). Exatamente neste contexto foram produzidos os artigos norte-americanos analisados, o que pode explicar em parte presença de um discurso majoritariamente desfavorável à expressão do corpo e dos prazeres.

24 Tradução direta: “confinamento”; termo utilizado durante a pandemia pelo Coronavírus para definir o estado de isolamento social e interrupção do funcionamento dos serviços não essenciais necessárias para o combate ao vírus.



Indispensável discutir o papel da ciência enquanto (re)produtora de verdades. Conforme proposto pelo próprio Foucault em “A ordem do discurso” (1999), o próprio saber científico não está livre dos discursos que compõem as chamadas “verdades” em um ambiente social, mas está a todo tempo produzindo e sendo produto dessas verdades. Portanto, quando inserido em um ambiente capitalista, os saberes científicos podem tanto trabalhar a fim de reproduzir o conservadorismo, quanto para dialogicamente desconstruí-los. Tal problemática é importante não somente para a compreensão dos artigos analisados, mas principalmente para a própria produção deste trabalho, como forma de constantemente lembrar os autores de se desfazer das verdades irrefletidas a fim de evitar que seus discursos mais uma vez reproduzam estigmas.

Além do campo acadêmico e do contexto social, um recorte de gênero também pode ser realizado: somente dois artigos apresentaram como autoria principal uma mulher (Dir, 2013; Træen, 2006). Evidente que o interesse de gênero na pesquisa de determinados temas deve ser levado em consideração, entretanto não pode ser excluído da análise que a produção científica é marcada pela desigualdade de gênero. Embora a participação feminina na ciência tenha aumentado substancialmente nos últimos vinte anos, dados coletados pela no documento “Gender in the Global Research Landscape²⁵” (2017), relatam que mulheres ainda estão presentes em cerca de somente 40% dos campos científicos globais, além de apresentar menos frequentemente cargos de lideranças nas pesquisas, e menor volume de publicações em revistas acadêmicas.

5 Resultados: interesses e provocações

Fez parte de todas as discussões, traçar o perfil dos consumidores de materiais sexualmente explícitos, entre as principais características descritas como diretamente relacionadas foram: ser homem, jovem e não heterossexual (Sharma, 2020; Klein, 2019; Peter, 2011). Outras características como nível educacional e status de relacionamento não apresentaram diferenças significativas ou convergentes para permitir uma análise intra-artigos (Peter, 2011).

No que se refere à orientação sexual, homens gays e bissexuais foram elencados como mais propícios a buscar por pornografia, embora todos os artigos tenham abordado estes dados em sua introdução ou em sua discussão (Klein, 2019), nem todos apresentaram as diferenças quantitativas em seus resultados, como foi o caso de Sharma (2020), dificultando a sua interpretação. Além do acesso à pornografia, outros dados com o tempo e local de uso, bem como o conteúdo acessado, também foram comprados entre heterossexuais e LGBTQIA+ por Downing (2017). Enquanto heterossexuais apresentaram usos mais curtos, muito comuns no ambiente laboral, e com principal

25 Tradução direta: “Gênero no cenário global de pesquisa”.



conteúdo as relações heterossexuais e lésbicas sem proteção; homens gays fizeram usos mais longos, de mais de 10 minutos, em locais públicos e majoritariamente de relações entre homens, com penetração via anal sem uso de preservativo.

Acerca dos dados apresentados por Downing (2017), várias interpretações podem ser realizadas. Primeiramente, no que se refere ao local de acesso, os autores justificaram que homens gays utilizam pornografia em locais públicos como festas por serem os principais frequentadores destes ambientes, entretanto esta afirmação não foi embasada em nenhuma pesquisa anterior e, portanto, a única base para esta afirmação é o senso comum de que homossexuais são boêmios, libidinosos e libertinos. Em relação ao conteúdo acessado, ambos os grupos apresentaram alta taxa de consumo de vídeos com relações sem preservativo, o que acarreta sérios riscos para a criação de um repertório sexual que não preza pela segurança, entretanto, apesar da proporção ser maior entre heterossexuais, a discussão em torno deste tema foi realizada somente em associação com os usuários homossexuais, o que mais uma vez evidencia a patologização das sexualidades dissidentes.

Por fim, os resultados indicaram que existe um grande uso de vídeos de relação entre homossexuais por homens que se autodeclararam heterossexuais, o que gerou uma grande preocupação por parte dos autores: “Further research is also needed to better understand the mechanisms underlying diverse SEM viewing patterns.”²⁶ (Downing, 2017, p.12), reiterando, portanto, a importância da afirmação dos critérios de masculinidade para a definição da orientação sexual (Downing, 2017). O que se conclui, portanto, é uma preocupação com a perpetuação dos padrões sexuais esperados para cada grupo - gays devem consumir sexo anal, e heterossexuais sexo vaginal - e o não cumprimento dos mesmos é sempre alvo de problematizações. Uma grande ênfase é dada ao sexo por via anal pela maioria dos artigos, tanto na descrição de seus riscos, como já foi discutido anteriormente, quanto na apresentação dos dados referentes ao gênero e orientação sexual de quem consome este material. No artigo de Peter (2011) por exemplo, onde somente 16,3% da amostra é composta de heterossexuais, os autores enfatizaram sua preocupação com a alta taxa de consumo de materiais de cunho anal, o que já era totalmente esperado pelo próprio perfil da amostra.

Assim como os critérios de masculinidade estiveram presentes, os papéis sociais destinados ao feminino também merecem destaque. Weinberg (2010), apresentou em seus resultados que a influência da pornografia nos comportamentos sexuais é potencialmente maior entre mulheres,

26 “Também são necessárias mais pesquisas para compreender melhor os mecanismos subjacentes aos diversos padrões de visualização do SEM.” (tradução pela autora).



o que se deve a fatores a cobrança do desempenho sexual e de uma estética compatível com a apresentada na mídia. Træen (2006) descreve que o uso de materiais sexualmente explícitos entre mulheres ocorre majoritariamente durante o contexto sexual com a parceria, em uma relação cruzada entre os estudos, é possível problematizar a possibilidade do consumo durante a relação sexual acarreta maiores impactos sobre o desempenho sexual das mulheres, entretanto, a relação de empírica entre eles, bem como seus aspectos antropológicos precisam ser melhor estudados.

“A woman with positive attitudes toward pornography and who has experienced becoming sexually aroused by pornography may desist from using pornography because she does not perceive social support for the behavior. In this case, social determinants become relatively more important than personal determinants. On the other hand, when the woman is positioned within the context of a committed relationship with a partner who enjoys pornography, her pleasure related to pornography may be perceived as more legitimate.”²⁷ (Træen, 2006, p. 252)

Ao contrário das características apresentadas nos parágrafos anteriores, que estão de acordo como relatado pela literatura, um resultado chamou a atenção por imprevisibilidade: a alta prática de sexting entre jovens religiosos, sobretudo cristãos, em comparação a jovens são religiosos (Klein, 2019), e os autores chegaram inclusive a questionar a veracidade dos dados. A “perversão” pornográfica é condenada pela maioria das religiões, ao mesmo tempo em que altamente disseminada entre jovens enquanto único modelo de aprendizagem sexual. Importante notar o quanto essa dicotomia entre o que se prega e o que se faz evidenciam ao mesmo tempo a abrangência vigorosa do papel moralista, visto que o consumo de pornografia é feito em sigilo; ao mesmo tempo em que escancara a sua total ineficiência na busca pelo gozo, visto que não impede seu consumo mesmo nos círculos mais conservadores (Santos, 2016).

Foi recorrente nos estudos, em especial aqueles que se debruçaram sobre a população mais jovem, a problematização do primeiro contato com a pornografia, e é consenso que a ascensão da internet facilitou esta associação precoce e com um maior repertório de possibilidade de utilização do corpo- uma nova cartografia do corpo, como diria Paul Preciado- *“The social acceptance of use of the internet as an arena to find new partners may be higher among gay/bi men and lesbian/bi women than among straight men and women”²⁸* (Træen, 2006, p.253). Ao contrário do esperado, Böthe (2020) descreveu que, o consumo entre meninos heterossexuais ocorre mais cedo em relação a seus pares de outros gêneros em orientações sexuais, o que pode ser explicado pelo

27 “Uma mulher com atitudes positivas em relação à pornografia e que ficou sexualmente excitada pela pornografia pode desistir de usar pornografia porque não percebe apoio social para o comportamento. Neste caso, os determinantes sociais tornam-se relativamente mais importantes do que os determinantes pessoais. Por outro lado, quando a mulher se posiciona no contexto de um relacionamento sério com um parceiro que gosta de pornografia, o seu prazer relacionado à pornografia pode ser percebido como mais legítimo.” (tradução pela autora).

28 “A aceitação social do uso da Internet como uma arena para encontrar novos parceiros pode ser maior entre homens gays/bi e mulheres lésbicas/bi do que entre homens e mulheres heterossexuais.” (tradução pela autora).



maior incentivo social à sexualização dos meninos, e à sua maior identificação com os padrões cisheteronormativos da pornografia *mainstream* em relação aos demais (Böthe, 2020).

Além dos resultados do perfil de consumidores de materiais sexualmente explícitos, alguns estudos também buscaram definir outros fatores que podem influenciar positiva ou negativamente no engajamento a esta atividade. Como motivador, foi descrita a presença de doenças mentais como ansiedade e depressão (Peter, 2011), e neste contexto a pornografia é elencada como uma forma de escapismo à realidade, por exemplo em contexto de isolamento social. Apesar de ser fato inegável, esta discussão não repercute na criação de estratégias reais de cuidado em saúde mental e, ao contrário, corrobora para a estigmatização de quem consome pornografia, em especial grupos mais propensos a desordens mentais e emocionais, como o LGBT. Já como fator desestimulante foi elencada a autoestima, já que, quanto mais alta a autoestima, menor é a tendência a consumir pornografia de forma excessiva ou potencialmente danosa para a saúde (Klein, 2019).

Diante de todos os resultados apresentados pelos oito estudos, muitos dados apresentados em suas tabelas foram subutilizados, e poderiam ter sido discutidos com maior profundidade, em especial a respeito da cultura pornográfica e do contexto social a que está inserida. A princípio, a maioria dos artigos apresentou a necessidade de uma ruptura com a cultura pornográfica *mainstream* – que é inquestionavelmente machista, capitalista e fetichista – como uma das justificativas para seus empreendimentos, entretanto, além da perpetuação de uma série de estereótipos em suas discussões, nenhum artigo se debruçou de fato sobre a realidade social pornotópica ao longo da interpretação de seus resultados. Somente poucos autores, em momentos pontuais da discussão, apresentaram elementos da cisheteronormatividade como relevantes da análise (Weinberg, 2010).

Concomitante à carência de elementos contrassexuais, a própria relevância oferecia aos diferentes grupos dentro do macro grupo que aqui denominamos comunidade LGBT precisa ser mapeada. Houve por exemplo, um equívoco quanto à definição de bissexualidade: “*These data further suggest a need for clarification of what is considered bisexual SEM.*”²⁹ (Downing, 2017, p. 1786). A preocupação em pesquisar por uma “pornografia bissexual” demonstra que o autor não compreendeu que a bissexualidade é uma vivência ampla e de aspecto não generificado, sendo assim, a régua heteronormativa foi utilizada como parâmetro para delimitar o que e o que não é possível dentro da bissexualidade.

As vivências transexuais também poderiam ter sido abordadas, mas nenhum dos 8 artigos se propôs a esta discussão. Duas principais discussões deveriam ter sido no mínimo citadas ao longo

29 “Esses dados sugerem ainda a necessidade de esclarecimento sobre o que é considerado SEM bissexual.” (tradução pela autora).



da problemática das pesquisas: a fetichização do corpo transexual na pornografia e a relação com a sua marginalização; e a influência do padrão cisgênero na produção e consumo de pornografia por transexuais e travestis, bem como suas repercussões na saúde mental destas corpos. Decerto que, a própria lacuna nestas discussões já diz muito a respeito do espaço (des)ocupado pelas pessoas T na sociedade.

6 Conclusão

Sinteticamente, conclui-se que os discursos em torno da pornografia e da orientação sexual são permeados de irreflexões, os quais levam a incoerências em sua apresentação, e em posicionamentos carregados e estigmas. Saúde e bem-estar, apresentados como justificativa primária para todos os oito estudos, são na realidade pretextos morais para a execução de empreendimentos que mantem a discussão cisheterocentrada.

A pornografia é constantemente associada à imoralidade, e são inúmeras as tentativas de relacionar o consumo de pornografia com a comunidade LGBTQIA+. Desta forma, os artigos analisados, a partir de termos pejorativos, argumentos cisheterocentrados, estigmas enraizados e discussões que carecem de profundidade teórica e social, contribuem para a perpetuação do ciclo de exclusão dos corpos e prazeres abjetos.

A maioria dos argumentos apresentados em relação à pornografia foram de cunho desfavorável, com a intenção de desestimular o consumo. Valores religiosos e médicos foram utilizados na tentativa de aproximar a pornografia do adoecimento mental e físico, especialmente o vício. Enquanto manobra biopolítica, a patologização do uso do corpo para o prazer, através da pornografia e da masturbação, é estratégia que firma valores conservadores, como a família e matrimônio, ao mesmo tempo em que leva ao campo do anormal práticas e corpos não cisheterossexuais. Deste modo, conclui-se que, no que concerne às análises pessimistas, a comunidade LGBTQIA+, por toda a abjeção já inerente a ela, é a mais correlacionada.

Embora a maioria dos argumentos tenham sido apresentados de forma desfavorável, alguns poucos argumentos favoráveis foram encontrados, em especial se dedicando a idealizar a normalização da diversidade de corpos e afetos através da sua apresentação na pornografia enquanto possibilidade. Embora pertinente, esta é uma visão um tanto quanto romântica, já que não é possível desconsiderar a partir de quais mecanismos estes corpos são alocados no campo da “bizarrice”, e não da normalidade. Apesar disso, é fato que a pornografia, como principal fonte de informação sexual para jovens e adultos, pode sim ser melhor utilizada para desempenhar um papel educacional.



Em meio a preconceitos e idealizações, conclui-se que a pornografia é não somente assistida, mas sim constantemente produzida e vivida em uma sociedade onde o sexo é mecanismo gerador de poder. Os valores sociais são retroalimentados pelo que se divulga neste meio de entretenimento, e as dissidências que adentram este produto precisam de ser analisadas sobre as lentes do sexobiopoder para que não se caia na falácia de caracterizá-la enquanto anormal ou patológica.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Etnográfica Press, 1995.
- ALVES Débora Ferreira Campos, PEREZ Deborah Karolina. Nos bastidores da indústria pornográfica: reflexos da pornografia e a importância da educação sexual. *Revista Psicologia e Transdisciplinaridade*, Paranaíba, v. 1, n.1, p. 82-101, Jan./Jun. 2021.
- BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo; et al. Consumo de Pornografia e Relacionamento Amoroso: uma Revisão Sistemática do Período 2006-2015. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, [s.l.], v. 13, n. 1, p.1-19, 2020.
- BOAS, Crisoston Terto Vilas. *Para ler Michel Foucault*. 2. ed. [s.l.]: Imprensa Universitária da Ufop: Eletrônica, 2002. 109p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. *Ministério da Saúde*, [s.l.], v. 1, n. 1, p.1-32, 2004.
- BRÍGIDO, Edimar Inocência. Michel Foucault: Uma Análise do Poder. *Rev. Direito Econ. Socioambiental*, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, 2013. doi:10.7213/rev.dir.econ.socioambienta.04.001.AO03
- BÓTHE, Beáta; VAILLANCOURT-MOREL, Marie-Pier; GIROUARD, Alice; et al. A Large-Scale Comparison of Canadian Sexual/Gender Minority and Heterosexual, Cisgender Adolescents' Pornography Use Characteristics. *J Sex Med*, [s.l.], v. 17, n.6, p. 1156-1167, 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão identidade*. 21. ed. Rio de Janeiro: Imagem virtual, 2003. 288p.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004. 288p.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Ed. Vega -Passagens, 1996.
- DIR, Allyson L.; COSKUNPINAR, Ayca; STEINER, Jennifer L.;



et al. Understanding differences in sexting behaviors across gender, relationship status, and sexual identity, and the role of expectancies in sexting. *Cyberpsychol Behav Soc Netw*, [s.l.], v. 16, n. 8, p. 568-574, 2013.

DOWNING, Martin J. Jr.; SCHRIMSHAW, Eric W.; SCHEINMANN, Roberta; et al. Sexually Explicit Media Use by Sexual Identity: A Comparative Analysis of Gay, isexual, and Heterosexual Men in the United States. *Arch Sex Behav*, [s.l.], v. 46, n. 6, p. 1763-1776, 2017.

DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabíola. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 715-737, set/dez, 2016.

FERREIRA FILHO, Renato Gonçalves. *Estética, ética e semiótica do homoerotismo pós-HIV/AIDS: Contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para a saúde pública a partir do consumo digital de pornografia amadora*. 2021. 326 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977. 149 p.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GREGORI, M. F. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia*, [s.l.], v. 51, n. 2, p. 575-606, 2008.

GRUBBS, J. B.; PERRY, S. L. Moral Incongruence and Pornography Use: A Critical Review and Integration. *The Journal of Sex Research*, [s.l.], p. 1-9, 2018.

GRUNVALD, Vitor. Os jogos perigosos do erotismo contemporâneo. *Cadernos de campo*. [s.l.], v. 27, n. 1, p. 406-414, 2018. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v27i1p406-414

HARAWAY, Donna J. *Maniferto Cyborg. The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991.

KLEIN, Jennifer L.; COOPER, Danielle Tolson. Deviant Cyber-Sexual Activities in Young Adults: Exploring Prevalence and Predictions Using In-Person Sexual Activities and Social Learning Theory. *Arch Sex Behav*, [s.l.], v. 48, n. 2, p. 619-630, 2019.

MARQUES, Christopher de Costa; SOUZA, Weilan Carvalho; SOUZA,



Júlio Cesar Pinto de. A dependência da tecnologia na saúde mental dos adolescentes. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, n. 5, p. 23077-23096, sep./oct, 2021.

MENDES, Leonardo. Biblioteca Galante: a Gazeta de Notícias e a popularização da pornografia no Brasil pós-1870. *Journal for Brazilian Studies*. [s.l.], v. 9, n. 1, 2020.

MOMBAÇA, Jota. *Pornô sob os escombros: sobrevivendo ao colapso colonial. Sobrevivendo ao Colapso Colonial. Revista Rosa*, 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/porno-sob-os-escombros-sobrevivendo-ao-colapso-colonial-4ba7cf57dcbe>. Acesso em: 5 out. 2020.

MOURA, Cauê. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. *G1 Pop & Arte*, 2018 Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghml>. Acesso em: 05 ago. 2021.

NUNES, Hariagi Borba. *O corpo histórico: meu dildo goza terrorismo: pós-pornografia e pornoterrorismo na contemporaneidade -uma analítica de ruptura*. 2019. 23 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

OLIVEIRA, Ana. Ficções porno-políticas do corpo (a partir) de Preciado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1-13, 2020.

OXFORD. In: OXFORD LANGUAGES, Oxford Languages and Google. Copyright: Oxford University Press, 2022. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PETER, Jochen; VALKENBURG, Patti M. The use of sexually explicit internet material and its antecedents: a longitudinal comparison of adolescents and adults. *Arch Sex Behav*, [s.l.], v. 40, n. 5, p. 1015-1025, 2011.

PORNHUB. The 2019 Year in Review. Pornhub Insights, 2019. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>. Acesso em: 05 ago. 2021.

PRADO, Marco Aurélio Máximo *et al.* A construção de silenciamentos: reflexões sobre a vez e a voz de minorias sociais na sociedade contemporânea. In: MAYORGA, Cláudia. *Psicologia Social: sobre desigualdades e enfrentamentos*. Curitiba: Juruá, 2009. p. 31-49.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. Far beyond the rainbow: The constitution of collective identities between civil society and the state. *Annual Review of Critical Psychology*, [s.l.], v. 11, p. 131-150, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Pornotopía: “Arquitectura y sexualidad em ‘Playboy’ durante la guerra fría”*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010. 223p.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.



PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014. 224p.

PRECIADO, Paul Beatriz. Cartografias ‘Queer: O ‘Flâneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ com Annie Sprinkle. *eRevista Performatus*, [s.l.], v. 5, n. 17, p. 1-32, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 448 p.

ROCHA, Diego Villas-Bôas da. Quando o que tu consumes te consome: vício em pornografia existe. *Diaphora: Porto Alegre*, v. 8, n. 2, jul/dez, 2019.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. *Cadernos PET-Filosofia*, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 59-103, 2020.

SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos; DIONISIO, Gustavo Henrique. Pelo direito de ser um monstro. *Artefactum*, [s.l.], v. 1, n. 5, p. 1-14, 2013.

SANTOS, Deivid Joras dos; LEITÃO. A experiência de ser corpo: Homopornografia como tradução de incorporalidades. *Revista Luder*, [s.l.], v. 1, n. 2, 2015.

SANTOS, Cícero Edinaldo dos; ALVES, Thalyson Santos. Sexo, pornografia e masturbação: a desintoxicação sexual no discurso protestante. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS FOUCAULTIANOS: RAZÃO POLÍTICA, 2., 2016. [Anais...]. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

SHARMA, Anupam Joya; SUBRAMANYAM, Malavika. A cross-sectional study of psychological wellbeing of Indian adults during the Covid-19 lockdown: Different strokes for different folks. *PLoS One*, [s.l.], v. 15, n. 9, p. 1-23, 2020.

SOUSA, Rodrigo Fasias. National review, o moderno conservadorismo americano e a luta para “salvar” os eua do comunismo, do liberalismo e da integração racial (1955-1959). *Rev. Hist.*, São Paulo, n. 180, 2021.

SOUZA, Petes Franco. Epistemologia do nudes: pornô-grafias, criação e ficção de si. *Em construção*, [s.l.], v. 5, p. 112-118, 2019. DOI: 10.12957/emconstrucao.2019.38324.

TRÆEN, Bente; NILSEN, Toril Sørheim, STIGUM, Hein. Use of pornography in traditional media and on the internet in Norway. *Journal of Sex Research*, [s.l.], v. 43, n. 3, p. 245-254, 2006.

VIDAL, Camila. Liberalismo e conservadorismo nos Estados Unidos: construção e evolução no século XX. *Campos Neutrais-Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*, [s.l.], v. 1, n. 3, p. 33-55, 2019.

WEINBERG, Martin S.; WILLIAMS, Collin J.; KLEINER, Sibyl.; et al. Pornography, normalization, and empowerment. *Archives of sexual behavior*, [s.l.], v. 39, n. 6, p. 1389-1401, 2010.



WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, [s.l.], v. 2, p. 460-482, 2001.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. 2. ed. Boston: Egales Editorial, 2006. 127 p.

ZANELLO, Valeska Maria. *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018. 301 p.

#VOTELGBT. 2020. *Diagnóstico LGBTQ+ na pandemia: Desafios da comunidade LGBTQ+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus*. [S. l.]: #VoteLGBT, 2020. Disponível em: https://www.votelgbt.org/_files/ugd/3d8e4d_0a741ba9c4e64638b88ef5193b1cd0b9.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

